MARIA
TERESA
ANDRUETTO

O PAÍS de JOÃO



TRADUÇÃO DE MARINA COLASANTI

global
editora

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

MARÍA TERESA ANDRUETTO

O País de João



TRADUÇÃO DE MARINA COLASANTI

global editora



María Teresa Andruetto

***

1ª edição digital
São Paulo
2016

global
editora



UM

...só pedra é que ficava,
pedras e poucos homens
com raízes de pedra, ou de cabra.

"Notícia do Alto Sertão"
João Cabral de Melo Neto

Os avós de João viveram durante muito tempo de umas vacas que haviam herdado. Ordenhavam as vacas de manhã e à noite, e com o leite faziam queijo e manteiga, e assim se alimentavam.

Trabalhavam muito no campo e com o que ganhavam podiam mandar seus filhos à escola e comprar cadernos, sapatos e agasalhos para eles.

De tanto em tanto, iam passar um dia na cidade, jogavam tiro ao alvo num parque de diversões, e comiam bolo de milho sentados na praça.

Porém as secas, os governos e os ladrões de gado fizeram com que, pouco a pouco, fossem perdendo suas vacas.

No Norte, para viver, é preciso ter vacas.

Ou então, é preciso ter porcos, dos bons, para fazer chouriços, linguiças e presuntos, e assim atravessar o frio do inverno.

Como não há porcos, é preciso ter pelo menos cabras, que vivem ao ar livre e andam pelas encostas comendo pastos duros quando já não sobra nada.

No Norte não é fácil atravessar o inverno, mas os avós de João, ainda que mal e mal, atravessaram muitos invernos, graças a suas vacas.

Até que as secas, os governos e os ladrões de gado os deixaram sem

elas.

Então começaram a cuidar das vacas dos outros.

Uma canção do país de João diz:

Os sofrimentos e as vacas
pela mesma estrada vão.
Os sofrimentos são nossos
as vacas dos outros são.

Cantando essa canção, também os pais de João cuidaram das vacas dos outros.

Sabiam levá-las à invernada em busca de pastos verdes, curá-las das pestes, furar-lhes o ventre com a faca quando se enchiam de gases, ordenhá-las, bater manteiga e fazer queijo.

Mas nem o leite, nem as vacas, nem as terras eram seus.

Entre ladrões de gado, secas e governos, também os patrões dos pais de João empobreceram.

E foi assim que eles próprios começaram a trabalhar, e não precisaram mais dos peões, e os demitiram.

Por isso, o pai e a mãe de João ficaram sem trabalho, e não houve mais dinheiro para ir ao parque de diversões, nem para comer bolo de milho, nem para comprar cadernos.

Tampouco para sapatos ou agasalhos.

Nem para alimentar um cavalo, ou no máximo um burro velho...

Pobres como estavam, começaram a vender as coisas que tinham.

Primeiro uma mesa que não usavam.

Em seguida umas xícaras que haviam herdado.

Depois um poncho tão leve que cabia na mão fechada.

E mais tarde uma manta com desenhos de losangos.

Até que a mãe de João disse: “nesse passo vamos ficar só com a roupa do corpo”.



DOIS

Certa vez, o pai de João foi vender um galo velho no povoado mais próximo e viu no armazém uma revista com fotos de uma cidade muito grande.

Quando chegou em casa, contou à mulher.

Desde então, à noite, olhando a lua ou as estrelas, a mãe de João pedia ao marido que falasse daquela cidade.

E cada vez, sentado debaixo da aroeira que crescia junto à casa, o pai de João contava o que havia visto.

E à medida que contava, a cidade crescia na cabeça de João.

Ficou maior que o morro.

Maior que a montanha.

Maior que a planície.

Cada noite, junto à aroeira, debaixo do céu negro como carvão, o pai acrescentava alguma coisa ao seu relato.

Um novo detalhe a cada vez.

E João o escutava atentamente, como se escuta um conto.

Até que uma noite, a mãe disse:

– Temos que ir para a cidade, e viver lá, porque na cidade se vive bem.

– É? – perguntou João.

– É. E ninguém passa necessidade – respondeu o pai.

– Ninguém? – perguntaram ao mesmo tempo João e sua mãe.

– Ninguém.

Assim foi que, de tanto falar da cidade, os três quiseram conhecê-la.

E foram para lá.



TRÊS

Vila Papel está onde está desde que o mundo é mundo. Ninguém sabe quem lhe deu esse nome, nem tampouco quando, mas faz muito tempo que as primeiras folhas de zinco e os primeiros papelões foram colocados, e alguém botou pedras e tijolos sobre os telhados para que não voassem.

Na Vila Papel vão parar os que chegam do Norte em busca de trabalho na cidade. E nesse lugar chegaram também João e seus pais.

E viraram catadores de papel, como todos os que vivem na Vila, porque ali, até as crianças menorzinhas separam os papelões inteiros dos destroçados, os molhados dos secos.

E os vendem.

No começo as coisas foram difíceis.

Depois pioraram.

E João começou a ir como as outras crianças, à noite, no centro, catar papel, papelão e garrafas.

Vasculhava as lixeiras, amontoava papéis, papelões e garrafas na beira da rua, junto à calçada, e ali ficava até que o pai passava com o carrinho.

Então, carregavam tudo juntos e voltavam para casa, cantando aquela canção que fala de penas e vacas.

Às vezes, no meio da noite, João encontrava entre os restos de comida uma lâmpada, uma jaqueta velha, uma garrafa rechonchuda...

E os separava do resto, os levava para casa e os guardava para ele.

Uma noite de inverno encontrou uma caixa forrada de pano azul. Uma caixa tão bonita que parecia nova. E decidiu que guardaria nela suas coisas mais secretas: uma atiradeira, um pelo de ovelha, um laço que seu avô havia trançado, umas sementes de juazeiro... porque João tinha saudade do Norte, dos morros enfileirados ao longe, dos cactos na planície, do céu sem edifícios nem fios elétricos...



QUATRO

Os avós de Anarina viveram durante muito tempo de umas rocas que haviam herdado. Punham as rocas para girar de manhã e de tarde, fiavam, e com a lã já fiada compravam leite, açúcar, arroz, farinha de trigo, e assim se alimentavam.

Trabalhavam muito em casa e com o que ganhavam podiam mandar os filhos à escola e comprar cadernos, sapatos e agasalhos para eles.

De tanto em tanto, tinham um descanso, iam por um dia até o campo e andavam a cavalo ou tomavam mate, brincando junto a um rio.

Mas os vendavais, os governos e os ladrões de lã fizeram com que pouco a pouco perdessem seus ganhos.

Na cidade, para viver, é preciso ter trabalho.

Ou então, é preciso ter uma herança, ou encontrar um tesouro debaixo de uma ponte, ou descobrir uma jazida de ouro e prata no quintal de casa.

Como já não há tesouros, nem jazidas de ouro e prata para serem descobertos, e como não tinham herança, os avós de Anarina rodavam a roca sem parar. Fiavam e teciam roupas lindas e aos domingos iam levá-las ao mercado de roupas.

Na cidade, os verões não são fáceis, nem os invernos, mas os avós de Anarina, ainda que mal e mal, atravessaram muitos invernos e verões, graças a suas rocas.

Até que as rocas quebraram e ficaram sem elas.

Então saíram em busca de patrões que tivessem máquinas de fiar e de tecer.

E foi assim que começaram a trabalhar nas fábricas.

Uma canção do país de Anarina diz:

A mulher que parte pedras não canta
nem fia sonhos,

olhar na terra
cabeça no céu.

Cantando essa canção, também os pais de Anarina aprenderam a tecer nas fábricas, nas máquinas de tecer que pertenciam a outros.

Sabiam fazer agasalhos e mantas, costurar com cuidado as peças, arrematar as beiradas, fazer casas, prender botões... converter o que haviam tecido em roupas que pudessem ser vendidas por bom preço.

Mas nem a lã, nem as máquinas, nem as roupas eram deles.

Entre ladrões de fábricas, vendavais e mudanças de governo, também os patrões dos pais de Anarina empobreceram.

E foi assim que eles próprios começaram a trabalhar. Não precisaram mais de tecelões, e os demitiram.

Por isso o pai e a mãe de Anarina ficaram sem trabalho, e não houve mais dinheiro para ir ao campo, nem para brincar e tomar mate na beira do rio, nem para comprar cadernos.

Tampouco para sapatos ou agasalho.

Nem para sustentar a casa, ou mesmo para vender a que tinham e comprar outra menor.

Nessa época, morreu o pai de Anarina.

Pobres e sozinhas como estavam, ela e a mãe começaram a vender as coisas que tinham.

Primeiro, uma mesa que não usavam.

Em seguida, umas cadeiras que haviam herdado.

Depois um armário tão grande, que daria para abrigar a roupa de uma família numerosa.

E mais adiante, um quadro com uma paisagem muito linda e umas poltronas de vime.

Até que tiveram de vender a casa.

Alugaram uma casa pequena na periferia, mas como a mãe não conseguia trabalho, pouco depois de chegar já tinham gasto o pouco que sobrava.

E tiveram que se mudar.

Foram morar na casa de parentes, mas os parentes eram quase tão pobres quanto elas e não puderam abrigá-las por muito tempo.

E foi assim que também desse lugar tiveram que sair.

Conseguiram umas folhas de zinco e algumas estacas, e saíram em busca de algum terreno baldio onde as pudessem fincar.

Procuraram um lugar perto dos parentes, mas não o encontraram.

Procuraram mais longe.

Cada vez mais.

E por fim na zona oeste, que é onde vivem os mais pobres.

E como não encontraram terrenos baldios em parte alguma, ajeitaram suas poucas coisas debaixo de uma ponte.

A partir de então, à noite, olhando a lua ou as estrelas, a mãe de Anarina pedia ao marido que lhe indicasse um lugar na cidade onde ela e sua filha pudessem plantar a casa.

E às vezes, em sonhos, a mulher recebia sinais que esquecia ao despertar.

"Que foi que ele te disse, mamãe?", perguntava Anarina.

Mas era inútil, a mãe não se lembrava.

Acocoradas juntas debaixo da ponte, a mãe repetia à filha promessas de uma vida melhor.

Procuraremos um terreno
plantaremos a casa
na casa haverá uma mesa grande
e uma toalha de mesa colorida
e um jardim com margaridas...

E de tanto dizer isso, a casa que não existia cresceu na cabeça de Anarina.

Se fez maior que a ponte.

Maior que o rio.
Maior que o abraço da sua mãe.



CINCO

Vila Papel está onde está desde que o mundo é mundo. Ninguém sabe quem lhe deu esse nome, nem tampouco quando, mas faz muito tempo que as primeiras folhas de zinco e os primeiros papelões foram colocados, e alguém botou pedras e tijolos sobre os telhados para que não voassem.

Na Vila Papel vão parar os que perdem suas casas nas periferias e os que perdem seu trabalho nas fábricas... e as mulheres que estão sozinhas para criar seus filhos.

E nesse lugar chegaram também Anarina e sua mãe.

E viraram catadoras de papel, como todos os que moram na Vila, porque ali, até a s crianças menorzinhas, até as meninas, separam os papelões inteiros dos destroçados, os molhados dos secos.

E os vendem.

No começo as coisas foram difíceis.

Depois pioraram.

E Anarina começou a ir como as outras crianças, à noite, juntar papelão e garrafas no centro.

Cantando a canção que diz

A água que era doce
foi se tornando amarga

vasculhava as latas de lixo, amontoava papel, papelão e garrafas na beira da rua, junto à calçada, e ali ficava até que sua mãe passava com o carrinho.

Então, carregavam tudo juntas, e voltavam para casa repetindo essa canção do doce e do amargo.

Às vezes, no meio da noite, Anarina encontrava entre os restos de comida um porta-níqueis, um pedaço de blusa, uma boneca quebrada...

E os separava do resto, os levava para casa, os guardava para ela.

Uma noite de inverno, encontrou uma caixa forrada de pano vermelho.

Uma caixa tão linda que parecia nova.

E decidiu que ali guardaria suas coisas mais secretas: uma foto do seu pai, uma pulseira de contas, uma fita branca de seda com que sua mãe lhe trançava o cabelo quando era bem pequena, um botão com quatro furos...

Porque tinha saudades do pai, da casa, da periferia, da vida que levavam antes...



SEIS

Na Vila Papel, João conheceu Anarina.

Soube que tinha o cabelo muito comprido e muito escuro, como o céu do Norte nas noites sem lua.

Encontrava-se com ela à tarde, quando voltavam da escola; quando, depois de tomar mate, brincavam de pegar ou de cabra-cega.

Uma vez coube a ele amarrar-lhe o lenço para que ficasse cega, e então ficou sabendo que o cabelo dela era macio.

Outra vez, brincando do jogo do barqueiro, teve que lhe perguntar de que cor gostava mais, se de rosa ou azul, e ela havia dito rosa, com um murmúrio que se aninhou por muito tempo no ouvido de João.

E uma tarde que havia chovido se refugiaram os dois debaixo de umas folhas de zinco, ficaram bem juntos, e ele sentiu o ar quente que saía dos lábios dela.

Na Vila Papel, Anarina conheceu João.

Soube que tinha olhos escuros como o fundo da noite e pestanas compridas como as do seu pai.

Encontrava-se com ele à tarde, quando voltavam da escola; quando depois de tomar mate brincavam de pegar, debaixo do feixe de luz de uma esquina.

Uma vez, ele atou o lenço nela para que fosse a cabra-cega, e então ela ficou sabendo que a mão dele era firme.

Outra vez, brincando do jogo do barqueiro, ele lhe perguntou de que cor gostava mais, com uma voz um pouco áspera que ficou ecoando por muito tempo no seu ouvido.

E uma tarde em que havia chovido muito se refugiaram os dois debaixo de umas folhas de zinco e ficaram bem juntos, e ela sentiu o ar quente que saía da boca dele e estremeceu.

Desde então, ele a chamava com qualquer pretexto, e ela abaixava

os olhos envergonhada, até que uma tarde, durante um jogo, Anarina se confundiu e em vez de perguntar a João

de que cor gostava mais,
de que fruta gostava mais,
de que flor gostava mais,
perguntou: “De quem você gosta mais?”.

E então se beijaram.



SETE

No dia em que Anarina fez dez anos, João ganhou coragem para pedir-lhe que fosse sua namorada.

Mas ela disse: “não, ainda não”.

– Quando? – ele perguntou.

– Quando você for um homem e eu uma senhora – disse ela.

E foi assim que João pensou que devia crescer para tornar-se um homem.

O homem de Anarina.



OITO

Uma noite o pai de João disse: “a partir de agora, o que você encontrar na rua é teu”.

– E posso vender?

– Pode.

– E com o que ganhar posso comprar o que quiser?

– Pode.

Mas a mãe disse:

– Não. O que quiser, não. O que precisar, o que te faz falta.

João separava de manhã o que juntava à noite: as garrafas do papel, o papel do papelão, o papelão inteiro dos destroçados, os molhados dos secos, e saía para vendê-los.

Passou o tempo.

Dois anos passaram.

Um dia o pai perguntou:

– O que você vai fazer com o dinheiro que ganhou?

E João respondeu:

– Vou comprar um relógio.

– Um relógio? – perguntou a mãe.

– É – disse João –, porque os homens têm relógio.

Com o que havia juntado em muito tempo, João comprou um relógio.

Uma manhã foi com o pai ao centro, entrou na loja A Suíça Argentina, olhou todos os relógios que havia na vitrina, mostrou as moedas e as notas que tinha, e perguntou ao vendedor:

– Qual é que dá para comprar com isso?

Deu para comprar um relógio que se chamava Precimax, que tinha a caixa redonda e fina, hastes em vez de números, um pequeno quadrado que marcava os dias e os meses, e uma correia de couro marrom.

– Não é uma marca conhecida, mas o mecanismo é ótimo – comentou o vendedor da joalheria.

Acertou a hora no relógio e disse:

– Esses, sim, aguentam pancadas.

Depois o vendedor da Suíça Argentina colocou o relógio no pulso de João, e o relógio começou a marcar as horas, até que João cresceu e se fez homem.



NOVE

Uma tarde a mãe de Anarina disse: "a partir de agora, o que você encontrar na rua é teu".

– E posso vender?

– Pode.

– E com o que ganhar, posso comprar o que quiser?

– O que quiser, não. O que precisar, o que te faz falta.

Anarina separava de manhã o que ela e a mãe juntavam de noite: as garrafas do papel, o papel do papelão, o papelão inteiro do papelão destroçado, os molhados dos secos, e saía para vendê-los.

Passou o tempo.

Dois anos passaram.

Um dia a mãe perguntou:

– O que você vai fazer com o dinheiro que ganhou?

E Anarina disse:

– Vou comprar uma pulseira.

– Uma pulseira? – perguntou a mãe.

– É – disse Anarina –, uma pulseira de berloques, porque as mulheres bonitas usam pulseiras.

Com o que havia juntado durante muito tempo, Anarina comprou uma pulseira.

Uma manhã foi com a mãe ao centro, entrou na loja Joia Miúda, olhou as pulseiras que estavam na vitrina, mostrou as moedas e as notas que tinha e perguntou ao vendedor:

– Qual é que dá para comprar com isso?

O dinheiro deu para comprar uma pulseira de berloques pequenos, entre eles uma letra A.

– É bem delicada, como a dona – comentou o vendedor da joalheria.

E colocou a pulseira no pulso de Anarina.

Depois passaram os anos... e os dois terminaram a escola, cresceram e se casaram.

Ela conheceu uma galega gorda e um tanto velha que havia cozinhado durante muitos anos na cozinha de um hospital. A mulher lhe ensinou a lutar por todas as coisas que faltavam na periferia. E os dois trabalharam até conseguir um refeitório e um ambulatório para Vila Papel.

Ele conheceu um italiano velho que havia estado na guerra e tinha uma perna mais curta que a outra. O homem lhe ensinou a lutar por tudo o que faltava na Vila Papel.

E a reclamar os direitos dos catadores de papel.

E a se defender.

Mas ninguém pôde evitar que as pessoas ficassem cada dia mais pobres e que o país de João ficasse cada vez mais alheio e mais estranho.

Há uma canção que diz:

Pedem pão e não lhes dão
pedem pão e lhes dão osso.

Assim são as coisas no país de João, e é por isso que as pessoas se cansam.

Se cansam e gritam,
choram,
lutam
no país de João.

Um dia chegaram os Homens Violentos, em carros verdes, e esmagaram os gritos e o choro dos que pensavam como João.

Chegaram e os perseguiram.
Farejaram como cães nas escolas,
nos sindicatos e nas fábricas.

Nos sítios, nas oficinas
e no campo.

Nos povoados, no centro
e nas favelas.

E os encontraram.

Alguns conseguiram ir para longe,
ir viver em outro país.
Porém muitos outros foram presos.
Ou os mataram.

João esteve preso em um cômodo escuro e úmido, sem saber se era de noite ou de manhã, durante mil oitocentos e quarenta dias.



DEZ

Anarina passou muito tempo tecendo.

Durante todos os dias em que João esteve na prisão.

Mil oitocentos e quarenta dias tecendo.

Quando saiu da prisão, João disse a Anarina que queria voltar para o Norte.

– ...mas lá não temos nada – ela disse.

– ...aqui tampouco – ele disse.

– E de que vamos viver? – perguntou ela.

– Do que for, de ar... aqui nem ar tem – respondeu ele.

E assim aconteceu que os dois deixaram a cidade e foram para o Norte, para viver onde há cactos, juazeiros e morros azuis...

A terra era de outros, tinha dono, mas os donos a haviam abandonado e nela não vivia ninguém.

Só estavam lá o vento,
a argila
e os melros.

João e Anarina fizeram barro com a argila e consertaram a casa de adobe onde, um tempo, haviam vivido os pais de João.

Juntaram no morro galhos e bambus e com eles construíram o telhado.

Com quatro varas de macieira silvestre armaram um tear.

E com lã de ovelha emprestada começaram a tecer.

Anarina ensinou a João como se fazia.

Cantando aquela canção que diz:

Tenho um bauzinho
para ir guardando
as penas e as peninhas
que vão me dando...

trabalhavam na casa, ajeitavam as vigas e os bambus do telhado, carregavam água, ou buscavam no campo coisas para comer.

De tanto em tanto, desciam um domingo até a cidade para vender um poncho ou uma manta que haviam tecido ao longo de semanas.

Com o que faturavam, pagavam o que deviam e compravam mais lã.

Às vezes, compravam também farinha, azeite, açúcar... e até comiam bolos de fubá sentados na praça.

Depois João comprou uma cabra.

Cruzou-a com o bode de um vizinho e cada um ficou com metade das crias.

Vendendo uns dois cabritinhos, comprou uma ovelha. Cruzou-a com o carneiro de um vizinho, e cada um ficou com metade das crias.

E quando seu filho nasceu, já tinha seu pequeno rebanho.

A vida no Norte não era mais fácil que na cidade.

Era preciso carregar água desde a encosta e mudar os bambus do teto todos os anos, mas a casa era fresca e a água era boa.

Os vizinhos estavam distantes uns dos outros e era difícil encontrar com eles, mas eram prestativos e ajudavam.

E era preciso andar muito até chegar ao armazém para comprar alguma coisa ou vender o pouco que tinham, mas começaram uma pequena plantação de abóboras, feijão e milho, e já não precisavam de muita coisa.

À tarde, diante do tear, enquanto o filho crescia, enquanto João recolhia os bichos no morro, Anarina cantava a canção do bauzinho.

Aquela canção antiga criada pelas mulheres do Norte.

E cantava acompanhada pelo ar limpo e seco.

Pelo canto dos melros.

Por um céu grande e sem fios.

E pelas flores dos cactos.



María Teresa Andruetto nasceu na Argentina, em Arroyo Cabral, Córdoba, em 1954. Estudou Letras na Universidade Nacional de Córdoba. Atualmente exerce a docência e coordena oficinas de criação literária. Autora de mais de 30 livros, publicou pela Global os títulos *A menina, o coração e a casa*, *Stefano*, *O país de João* e *O anel encantado* (todos com tradução de Marina Colasanti). Sua obra mereceu numerosos prêmios e distinções, entre os quais: Prêmio Romance do Fondo Nacional de las Artes, Lista de Honra do IBBY (International Board on Books for Young People), White Ravens, Mejores Libros del Banco del Libro de Venezuela, Destacados de ALIJA (Asociación de Literatura Infantil y Juvenil de la Argentina), Prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil e Juvenil e, em 2012, o Prêmio Hans Christian Andersen. Tem duas filhas e vive com o marido nas serras de Córdoba.



Marina Colasanti nasceu em Asmara, na Eritreia, viveu em Trípoli, percorreu a Itália em constantes mudanças, transferiu-se com sua

família para o Brasil. Viajar foi, desde o início, sua maneira de viver. E, desde o início, aprendeu a ver o mundo com o duplo olhar de quem pertence e ao mesmo tempo é alheio. A pluralidade de sua vida transmitiu-se à obra. Pintora e gravurista de formação, é também ilustradora de vários de seus livros. Foi publicitária, apresentadora de televisão e traduziu obras fundamentais de literatura. Jornalista e poeta, publicou livros de comportamento e de crônicas. Recebeu numerosos prêmios como contista. Sua obra para crianças e jovens é extensa e muitas vezes premiada.

© María Teresa Andruetto, 2013

1ª Edição Digital, Global Editora, 2016

Jefferson L. Alves – diretor editorial
Dulce S. Seabra – gerente editorial
Flávio Samuel – gerente de produção
Tathiana A. Inocêncio - produção digital
Malu Poleti – assistente editorial
Marina Colasanti – tradução
Malu Poleti – preparação de texto
Deborah Stafussi – revisão
Claudia Furnari – capa e projeto gráfico

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A585p
Andruetto, Maria Teresa
O país de João [recurso eletrônico]/
Maria Teresa Andruetto; tradução Marina Colasanti. –
1. ed. – São Paulo: Global, 2016.
recurso digital

Tradução de: El país de Juan
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-260-2294-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil argentina. 2. Livros eletrônicos.
I. Colasanti, Marina. II. Título.

16-36517
CDD: 028.5
CDU: 087.5

Obra atualizada conforme o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

global editora

Direitos Reservados

global editora e distribuidora ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141
e-mail: global@globaleditora.com.br
www.globaleditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.
Nº de Catálogo: **3595.eb**